



DICASTERIUM  
DE CULTURA ET EDUCATIONE

IL PREFETTO

Prot. N. 06212/2026

*(Hic numerus in responsione referatur)*

Cidade do Vaticano, 27 de agosto de 2026

DISCURSO NA INAUGURAÇÃO DA TRIENAL ART-CUT,  
EDIÇÃO DA PUC-RIO

Gostaria de saudar, com gratidão, as autoridades acadêmicas da Puc-Rio, o Magnífico Reitor e toda a sua equipe; o curador geral e os curadores do Rio de Janeiro; os artistas que aqui expõem as suas obras e visão; todos quantos se empenharam, com dedicação e rigor, na produção desta exposição; a comunidade acadêmica no seu todo como protagonista; e todos os convidados que hoje nos honram com a sua presença.

Confesso a pena de não poder estar presente fisicamente neste momento tão especial. Mas essa ausência física não diminui, de forma alguma, a enorme alegria que todo o Dicastério para a Cultura e a Educação da Santa Sé sente em saber que a Trienal Art-Cut se abre hoje no Rio de Janeiro — cidade que se afirma sempre mais como um dos grandes laboratórios culturais do Brasil.

Reunimo-nos hoje para celebrar obras, histórias, perguntas e percursos que se cruzam e se tensionam através da arte. Cada obra aqui exposta não ilustra uma ideia — encarna-a. Não é registro de um processo, é o próprio processo tornado forma: horas de trabalho silencioso, hipóteses testadas e descartadas, o gesto que erra antes de acertar. A obra autêntica nunca é ilustração de algo já sabido; indica novas versões da realidade; reflete novas possibilidades de caminho; aponta para o mundo como algo ainda por vir. Diante da obra de arte, diz o teólogo Romano Guardini, «entro no espaço que aí se estabelece e vivo nesse mundo mais puro que surge». Talvez seja essa a coragem de que falamos: não se encerrar no que já se sabe, mas abrir, com risco, de forma «desarmada e desarmante» uma fresta de futuro.

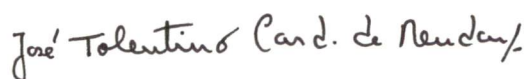
Gostaria de partilhar convosco duas palavras que considero essenciais para vivenciar plenamente esta exposição: empatia e respiração.

A arte é um exercício de empatia. Ela convida-nos a sair de nós mesmos e a habitar, ainda que por um instante, o campo e as percepções do outro, suspendendo juízos apressados e preconceitos. Como bem escreveu Clarice Lispector, entender é à prova do erro. Há, nessa frase, uma sabedoria exigente: a arte educa a uma abertura para aquilo que o outro sente, pensa e enxerga — mesmo quando esse outro nos é estranho,

ou nos desafia. E se a empatia nos leva ao outro, a respiração devolve-nos a nós mesmos e ao mundo. Respirar é, ao mesmo tempo, o gesto mais íntimo e o mais universal que existe: é o que nos liga ao nosso próprio corpo, à nossa presença aqui e agora, mas é também o que nos une, sem exceção, a tudo o que nos rodeia — ao ar que já passou por outros pulmões, por outras cidades, por outras histórias. Diante de uma obra, é preciso parar, respirar, deixar o tempo dilatar-se — e, nesse instante suspenso, descobrimos que a pausa nunca é isolamento: é, pelo contrário, o momento em que mais profundamente pertencemos uns aos outros. Respirar diante da arte é reencontrar-nos com a beleza que se manifesta mesmo nos lugares mais inesperados. Na cidade do Rio de Janeiro, o Profeta Gentileza, com a sua poesia visual espalhada pelos pilares e viadutos onde se faz a circulação da vida, deixou-nos um lembrete que atravessa gerações e resiste ao tempo — “gentileza gera gentileza”. É precisamente nesse espaço, de respiração genuína que praticamos a gentileza: a gentileza de olhar com atenção, de sentir sem pressa, de nos deixarmos afetar, interrogar e, quem sabe, transformar pelo que o outro criou — e, através dele, pelo mundo que partilhamos com todos os que aqui respiram.

Para concluir, deixo um sublinhado que dialoga profundamente com o espírito desta exposição e de toda a Trienal. Na sua primeira encíclica, *Magnífica Humanitas*, o Papa Leão XIV convida-nos a preservar uma magnífica humanidade habitada por Deus, promovendo a verdade, a dignidade humana, a justiça social e a paz. Creio que a arte contemporânea participa exatamente desse chamado: reconhecer no outro — e em nós mesmos — essa humanidade magnífica, frágil e ao mesmo tempo grandiosa, que merece ser vista, sentida e amparada em toda a sua complexidade.

A todos os presentes, o meu mais sincero e profundo agradecimento, em nome pessoal e do Dicastério e os votos de uma excelente e inspiradora exposição.



José Tolentino Card. DE MENDONÇA  
Prefeito